

## A disputa franco-germânica por influência no Brasil (1920-1930)

### Resumo

Este trabalho versa sobre a ação francesa no Brasil, no início do século XX, como meio de vigiar a expansão da propaganda dos regimes totalitaristas, principalmente por intermédio dos imigrantes alemães. Os militares franceses, integrantes da Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro, agiam na difusão da cultura e dos produtos bélicos fabricados na França e passaram a viabilizar um serviço de controle dos meios de difusão no Brasil, possuindo fins mais abrangentes do que uma simples representação militar.

### **Palavras Chaves: espionagem, propaganda, imigrante**

### Abstract

This work deals with the French action in Brazil, in the early 20th century as a means of monitoring the expansion of propaganda of totalitarian regimes, especially through the German immigrants. The French military, members of the French Military Mission statement by the Brazilian Army, acted in the diffusion of culture and military products manufactured in France and went on to make a tracking service of broadcast media in Brazil, possessing broader purposes than a simple military representation.

Key words: Espionage, propaganda, immigrants

## Introdução

No início do século XX, o mercado consumidor brasileiro atraía a atenção dos europeus, principalmente franceses e alemães, que desejavam exportar seu excedente industrial. Além do preponderante interesse econômico havia a preocupação com a expansão cultural e com a influência militar.

No cenário internacional, França e Alemanha mantêm acirrada competição, principalmente após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a Alemanha ficou sob forte vigilância francesa e pugnou pela reestruturação da nação. A disputa entre os dois países se alastrou pela América Latina, junto aos chefes de governo e à imprensa local.

A França, neste momento, possui prestígio junto ao governo brasileiro devido à vitória na Primeira Guerra, enquanto a Alemanha é importante parceiro comercial, principalmente na exportação de material bélico da empresa Krupp.

Do ponto de vista francês, para combater a influência alemã e defender os interesses nacionais franceses, era necessário vigiar a ação das casas comerciais e as indústrias alemãs, consideradas inimigas pelos aliados, que tinham liberdade para registrar suas marcas no Brasil, na Junta de Comércio.

Os alemães, por sua vez, mantêm bastante ativa sua propaganda no Brasil, atacando o Tratado de Versalhes, a Polônia, a Tchecoslováquia e a ação da França na guerra do Marrocos, além da divulgação de permanentes reclames de suas indústrias. (JASSERON, 1925).

Os franceses permanecem em constante vigilância sobre as relações de brasileiros com alemães, no que diz respeito ao comércio e indústria. Ainda em 1918, o brasileiro José Levy tem suas correspondências pessoais e de sua empresa Levy Neto vigiadas pelos franceses, porque recebe, todas as semanas, a visita de um empregado da casa alemã Hermann Stoltz, de São Paulo e, com frequência, volumosas cartas com o selo oficial da Alemanha. (LUCCIARDI, s.d.).

Outro caso digno de nota é uma carta de Bernhard Stark, da Berringer Co, enviada para Franz Hermann, da firma Hermann Cia, retida pelos franceses. O documento expõe a intenção de criar, em Hamburgo, uma firma para exportação e importação entre Alemanha e Brasil. Stark deixa claro que os alemães no Brasil possuem toda liberdade para estudar as necessidades do país e recomenda que o negócio seja auxiliado apenas por pessoas de confiança, favoráveis aos alemães.

O Brasil não tem então interesse em barrar as firmas alemãs, principalmente porque elas significam desenvolvimento para um país eminentemente agrícola. O cônsul francês Lucciardi ressalta: “Eu já assinalo a extrema má vontade do governo brasileiro em especial de seu atual presidente para tomar medidas sérias contra as firmas alemãs estabelecidas em seu território.” (LUCCIARDI, s.d.).

As firmas Teodor Wille e Hermann Stoltz são perseguidas pelos franceses, que pressionam o governo brasileiro para acabar com a expansão desses negócios no país, bem como bloquear as operações dos bancos alemães. Os franceses percebem a rapidez com que os alemães expandem seus negócios pelo mundo. Poidevin afirma: “Se os capitais alemães no mundo estão longe de atingir o nível dos franceses, preciso sublinhar, (...) que a expansão rápida dos bancos alemães no estrangeiro servem os interesses econômicos e outros do governo alemão.” (POIDEVIN, 1989, p.227-239).

O rápido avanço dos bancos alemães no Brasil age em detrimento das finanças francesas. Segundo Poidevin: “o Brasilianische Bank Deutschland serve os interesses alemães e é o correspondente de dois grandes bancos franceses o Credit Lyonnais e o Comptoir National d’Escompte de Paris.” (POIDEVIN, 1969, p.336). Poidevin analisa o recuo francês e o avanço alemão como conseqüências do dinamismo das companhias marítimas germânicas e da boa organização do comércio alemão.

#### A disputa no meio militar

A França contava com o apoio da Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro para sua expansão econômica, militar e cultural. Os militares franceses ministravam aulas em francês e utilizavam livros e ensinamentos de escritores e teóricos franceses, aproveitavam suas instruções para vender os produtos bélicos fabricados pela França e ainda estreitavam laços diplomáticos com o governo brasileiro. Este importante ponto de apoio auxiliou na permanência de militares franceses no Brasil e na criação do posto de adido militar.

Com muita insatisfação, os franceses registram a chegada, ao Rio de Janeiro, do general alemão Litzmann, que vem fazer conferência no Clube Germânia sobre as operações militares das quais participa no front Russo. O ingresso para a palestra custa dois mil réis, e os militares brasileiros fardados entram gratuitamente. Está clara a intenção, por parte do general, de fazer

propaganda dos feitos alemães no meio militar brasileiro, o que provoca a irritação nos oficiais franceses, que disputam o mercado de armas com a Alemanha.

A rivalidade entre França e Alemanha, é à época, tão acirrada que qualquer informação sobre infiltração alemã nas forças militares brasileiras gera uma investigação. Em 1921, chega aos ouvidos de Gamelin<sup>1</sup> que um oficial ativo do exército alemão trabalha no Serviço Geográfico, no qual opera a missão austríaca. Ao verificar a informação, os franceses descobrem que se trata do major responsável pela organização da base de Zeebrugge, que trabalha para a marinha no estudo e estruturação de um Posto Militar do Rio de Janeiro.

Este major fora contratado como um civil; mas, na visão francesa, ele está junto aos austríacos na missão de serviço geográfico para conseguir documentos a respeito do território brasileiro. Esse fato leva Gamelin a afirmar que: “é difícil entender que os brasileiros permitam que um militar alemão da ativa permaneça infiltrado no exército e na marinha brasileira, pois assinaram o Tratado de Versalhes, são membros ativos da Sociedade das Nações e se dizem grandes amigos da França.” (GAMELIN, 1921).

#### A vigilância sobre os imigrantes

A colônia alemã no sul do Brasil, na época, era bastante expressiva, o que facilita a evolução dos negócios e das relações diretas entre Brasil e Alemanha. Se comparada à colônia francesa em São Paulo, essa era pequena, quase inexpressiva, sendo composta por alsacianos que trabalhavam com comércio. Para apoiar esses poucos colonos no Brasil, a França defende a criação de um escritório de comércio francês. No Brasil, em 1925, há cerca de 560.000 italianos, 52.800 alemães e apenas 11.800 franceses imigrantes.

O cônsul da França em Porto Alegre, Puech, recebe brochuras do governo francês para continuar sua propaganda pró-França. Além de acusar o recebimento do material, Puech, faz as seguintes observações sobre a propaganda alemã: “há uma chamada de protesto da Liga das Sociedades Germânicas do Rio Grande do Sul, contra a ocupação de Ruhr, publicada na Sessão Livre do Correio do Povo, o maior jornal de informação do estado, feito em janeiro deste ano (1923).” (PUECH, 1923).

---

<sup>1</sup> Chefe da Missão Militar Francesa junto ao Exército Brasileiro em 1920.

Esta matéria gera certa comoção entre os gaúchos, pois trata de crianças alemãs com tuberculose que vivem na região de Rhur, chamadas de as vítimas da ocupação francesa. De acordo com Puech: “por intermédio do apelo filantrópico um violento protesto político nacional alemão assinado pelo Deustcher Verban o cônsul da Alemanha, e o banco alemão Pfeiffer.” (PUECH, 1923).

O jornal O Pharol, da Sociedade dos Amigos da Cultura Germânica, também fornece notícias sobre a ocupação francesa e procura vitimar os alemães. Os franceses consideram que, no Rio Grande do Sul, a colônia alemã é grande e expressiva e que esses teuto-alemães estão a serviço do governo da Alemanha.

O governo alemão não subvenciona diretamente as escolas alemãs de São Paulo e dos estados sulinos, notícia essa que é bem-vinda aos ouvidos franceses. Existem comitês especiais que recebem do governo alemão, por intermédio do cônsul alemão, subvenções, destinadas a ajudar as escolas e a recompensar a imprensa pelas notícias favoráveis à Alemanha. Segundo Conty: “Apenas para o estado de São Paulo, as subvenções tinham atingido um total de 85 contos de réis, ou seja, dois milhões de marcos em papel. Para o ano de 1922, o governo alemão decidiu elevar esta subvenção a um total de 10 contos (ou seja, dois mil e quatrocentos marcos em papel).” (CONTY, 1922).

A França está atenta a todos movimentos do governo alemão no Brasil, do incentivo às escolas de línguas, aos contratos comerciais e às iniciativas dos colonos na região sul e sudeste. Além da questão econômica, a França coloca em evidência e expansão cultural francesa e o Brasil como ponto de influência para as doutrinas inimigas.

Não obstante aos interesses econômicos e militares havia o interesse de expansão cultural. A latinidade é a justificativa apresentada pela França para sua expansão no meio acadêmico brasileiro. Além da instalação das Alianças Francesas e dos Liceus, os franceses contribuíram com o envio de professores universitários para lecionar nas principais universidades do país no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

A Universidade de São Paulo (USP) foi fundada com a cooperação francesa que, principalmente na parte de ciências humanas, contribuiu para o preenchimento do quadro docente. A elite brasileira é formada dentro do modelo cultural francês, ou seja, com a filosofia dos pensadores franceses.

Com a expansão nos setores cultural, militar e econômico a França expande seu mercado e faz frente à concorrência germânica. No início da década de trinta, com o fim da República Weimar e a instalação do governo nazista, os franceses ficam preocupados com o desenrolar dos acontecimentos e vislumbram a possibilidade de um novo conflito com o vizinho arquiinimigo.

As precauções são executadas em caráter de urgência e como o Brasil é um país com grande número de imigrantes alemães, na visão francesa, merece atenção e supervisão. A fundação de um posto de adido militar no Brasil é uma estratégia preventiva na intenção de controlar e conter a influência alemã e italiana, e conseqüentemente a propaganda do regime totalitário nos locais de imigração.

### A disputa por influência

Assim como a França, a Alemanha também passa a mover massiva campanha em favor de sua cultura e contrária à propaganda francesa. Os alemães são numerosos, têm muitas colônias no Brasil, tornando-se alvo das preocupações francesas. Como salienta Rolland:

A presença econômica alemã, mais ou menos apoiada sobre as numerosas colônias e ampliada durante o primeiro quarto do século, revigora-se rapidamente. Os franceses, em geral, mais preocupados, mesmo no campo latino-americano, com o antagonismo franco-alemão que com uma avaliação global, inquietam-se com isso. Mas, e quase sempre, para reafirmar alto e forte, que o modelo francês está intacto. (ROLLAND, p. 278).

Os alemães visam restaurar a antiga admiração que o Brasil nutria, antes da Primeira Guerra Mundial, pela força econômica da Alemanha, pelos atributos do povo alemão e pelo seu desenvolvimento na área científica. Mas, todo prestígio gozado pela Alemanha anteriormente ao conflito mundial certamente se perdeu no Brasil. Assim, embora não exista nenhum sentimento anti-alemão, nenhuma frieza de tratamento, a propaganda alemã passa, astutamente, a reivindicar a anulação de cláusulas do tratado de Versalhes e a lutar contra a ação “caluniosa” da França. (Rapport pour la propagande allemand au Brésil, S/d).

Sempre que a Alemanha contesta as cláusulas do tratado de Versalhes, cria um ambiente hostil à França e ao Brasil, que se envolveu na Primeira Guerra Mundial, ao lado dos aliados, razão pela qual tem que defender a legalidade do tratado. (Rapport pour la propagande allemand

au Brésil, s/d). Os franceses, por sua vez, argumentam que a propaganda alemã e as reivindicações quanto a Versalhes são caluniosas.

Depois da Primeira Grande Guerra, o governo alemão desencadeia um processo forte de publicidade anti-francesa pela América Latina. “Trata-se de uma propaganda violenta, da qual os arquivos franceses conservam múltiplos vestígios.” (ROLLAND, p. 253).

As publicidades alemãs são impregnadas de tendências no que concerne às responsabilidades sobre a guerra, tendo como objetivo atrair novamente a simpatia do povo brasileiro pela cultura e ciência alemã, ampliando, assim, seu mercado de exportação com o Brasil.

Mas há, sem dúvida, uma grande diferença entre a propaganda em favor da influência alemã ou francesa e aquela contrária à França ou Alemanha. O governo francês, em suas correspondências diplomáticas, reclama da exorbitância das calúnias de guerra feitas pelos alemães e afirma: “A luta pela influência francesa deve ser feita com atividade, constância e serenidade.” (Rapport pour la propagande allemand au Brésil, s/d).

Os franceses alegam que a maioria da população brasileira é analfabeta, que os cidadãos brasileiros qualificados como eleitores são os que possuem um mínimo de instrução, como saber ler e escrever. “Esse fato faz com que políticos inescrupulosos se aproveitem da ignorância em favorecimento próprio. Além disso, não fazia parte desse parco conhecimento da população o estudo das relações estrangeiras, o que facilitava a ação alemã no Brasil.” (Rapport pour la propagande allemand au Brésil, s/d).

Os jornais da época têm a pretensão de representar a sociedade brasileira; mesmo as folhas com tiragens pouco representativas, eram, por vezes, veículos inescrupulosos de sustentação do poder de poucos e de divulgação de informações com a finalidade de defender interesses escusos, feito uma ilusão de espírito e criada uma sorte de paixão a favor dos interesses que na maior parte do tempo não são interesses de ninguém. (Rapport pour la propagande allemand au Brésil, s/d).

Mas, apesar de os franceses terem razão nesse ponto, não se pode deixar de considerar que a propaganda alemã sempre esteve em evidência no Brasil, devido ao expressivo número de descendentes alemães aqui existentes. Esses colonos influenciam os jovens brasileiros a terem tendências germanófilas, como, por exemplo, o desejo de estudar na Alemanha. “Alguns brasileiros, segundo os franceses, desenvolvem amizade sincera e cega pelos alemães. A

imprensa, seguindo pelo mesmo caminho, abre suas colunas às campanhas pagas pela Alemanha.” (Rapport pour la propagande allemand au Brésil, s/d).

Obviamente, por trás desse jogo de expansão cultural e propaganda alemã, há os interesses econômicos. Os alemães procuram uma clientela suscetível de absorver sua grande produção. A influência da indústria militar alemã no Brasil é tão fortemente sentida na primeira década do século XX, que a França, nesse período, fica praticamente fora do mercado exportador para o Brasil. A indústria metalúrgica alemã precisa de compradores que absorvam sua grande produção, apostando, inclusive na clientela privada. (Rapport pour la propagande allemand au Brésil, s/d).

Além da exportação, as indústrias alemãs fazem ofertas para se instalarem na região de Encruzilhada, no Rio Grande do Sul, rica em jazidas de estanho. O governo do Reich passa a encomendar manganês aos estados de Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia (Relatório do cel. Nalot, 22.01.1937). Os colonos que habitam a região são excelentes informantes sobre as riquezas locais. Assim, além de exportar e importar minérios, os alemães se interessam por estabelecer firmas no Brasil.

Como há cumplicidade entre os imigrantes e o governo alemão, eles passam a agir como cidadãos alemães e, não, brasileiros, ou seja, não reconhecem o Brasil como pátria. Os filhos e netos de colonos, com privilegiada situação política ou econômica, passam a adotar atitudes suspeitas no entendimento francês e a beneficiar apenas elementos provenientes da Alemanha.

Alguns brasileiros devotam sincera amizade pelos alemães, que, na análise francesa é cega, pois ignora que o envolvimento de alemães com brasileiros não passa de um jogo de influências altamente manipulado. Alguns jornais brasileiros são severamente criticados pelos franceses por aceitarem matérias pagas por alemães, sem questionar o conteúdo desta propaganda tendenciosa.

Os jornais Correio da Manhã e O Globo expressam uma postura antifrancesa, criticando as iniciativas francófilas. Nesses veículos, a propaganda alemã é sistemática e denigre a imagem da França junto ao público brasileiro, no intuito de desconstruir o modelo francês. Segundo Rolland: “a atividade diplomática, as missões e a propaganda antifrancesa da Alemanha reforçam o declínio da difusão do modelo francês, que incluía a francofonia e a francofilia, expressão de uma percepção do modelo como tal.” (ROLLAND, p. 281).



Apesar de todas as críticas e alardes feitos pela França contra a ação alemã, as pesquisas de Rolland demonstram que a Alemanha expressa claros interesses pela América Latina, ao fundar instituições que têm por finalidade aumentar seus conhecimentos sobre o continente latino-americano. Segundo Rolland: “A Alemanha faz também um importante esforço para melhorar o conhecimento da América Latina entre seus cidadãos, instala-se rapidamente cinco institutos especializados em América Latina, e esses institutos são generosamente financiados, com a preocupação de formar os que tem algo a fazer no continente.” (ROLLAND, p. 281).

A guisa de conclusão

A concorrência entre franceses e alemães viveu momentos de tensão no período entre - guerras, ao disputar mercado consumidor e zonas de influência no Brasil. Independente de ser de origem francesa ou alemã, é fato que essa publicidade se realiza porque há o consentimento dos responsáveis pelos meios de comunicação, sejam eles jornais, periódicos, revistas ou rádios. Se os alemães ganham espaço na publicidade latina ou brasileira, é porque existe não apenas algum interesse político ou ideológico de parte dos proprietários desses veículos de difusão, mas, principalmente, porque há mercado para esse gênero de matéria, ou seja, um público disposto a consumir esse tipo de informação. A disputa franco-germânica contribuiu para o desenvolvimento de setores comerciais e bancários no Brasil, embora seus agentes tenham raciocinado apenas com os interesses imperialistas de sua nação.

## Referências Bibliográficas

### Fontes secundárias:

POIDEVIN, Raymond. **La puissance française face à l'Allemagne autour de 1900**. In: POIDEVIN, Raymond (org). *La puissance française a la belle époque mythe ou réalité?* Paris: Complexe, 1989. p. 227-239.

POIDEVIN, Raymond. **Les relations économique et financières entre la France et l'Allemagne de 1898 à 1914**. Paris: Armand Colin, 1969. p. 336.

ROLLAND, Denis. **A Crise de um certo universalismo modelo cultural e político francês no século XX**. In: MOISÉS, Leyla Perrone. (org). *Do Positivismo à Desconstrução: ideias francesas na América*. São Paulo: Edusp, 2004.

### Fontes primárias:

Correspondência de Conty, embaixador da França no Brasil para o ministro das Relações Exteriores da França, Rio de Janeiro, 24.01.1922. Paris: Arquivo MRE, dossiê 22, 172-4.

Correspondência de Jasseron, adido militar da França no Brasil, para o ministro da Guerra da França, Rio de Janeiro, 10.10.1925. Paris: Arquivo SHAT, 3391.

Correspondência de Lucciardi, cônsul da França em São Paulo, para Stephen Pichon, ministro das Relações Exteriores da França. Paris: Arquivo MRE, dossi 34, 174-3, 174-5.

Correspondência de Puech, cônsul da França em Porto Alegre, para o ministro das Relações Exteriores da França, Rio de Janeiro, 13.08.1923. Paris: Arquivo MRE, dossi 22, 172-4.

Correspondência do gen. Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa, para o ministro da Guerra da França, Rio de Janeiro, 17.06.1921. Paris: Arquivo SHAT, 7N3391.

Rapport pour la propagande allemande au Brésil. Paris: Arquivo MRE, dossiê 22, 172-4.